

“O pensamento de Simondon é uma fonte de invenção”

Entrevista com Giovanni Carrozzini

Pablo Esteban Rodríguez

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Buenos Aires (UBA) e pesquisador do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas (Conicet). Autor de *História da informação* (Buenos Aires, Capital Intelectual, 2012) e coeditor do *Al gran pueblo argentino, salud*.
E-mail: manolo1416@yahoo.com.

Tradução Icaro Ferraz Vidal Junior

Doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ)

Submetido em: 20/01/2017
Aceito em: 27/03/2017

ENTREVISTA

O filósofo italiano Giovanni Carrozzini é um dos mais importantes especialistas na obra de Gilbert Simondon. Ele publicou *Gilbert Simondon: per un'assiomatica dei saperi. Dall'«ontologia dell'individuo» alla filosofia della tecnologia*¹ (2006) aos 25 anos de idade. Em seguida, organizou, com Vincent Bontems, o Atelier Simondon, grupo de pesquisa que, no encontro com Jean-Hugues Barthélémy e na revista *Cahiers Simondon*, tornou-se a referência obrigatória, na Europa e talvez no mundo inteiro, no corpus dos estudos sobre o filósofo francês atualmente na moda. Mais recentemente, em 2011, publicou *Gilbert Simondon. Filosofo della mentalité technique*². No mesmo ano, lançou a edição completa em língua italiana de *L'individuation à la lumière des notions de forme et d'information*³, com traduções e notas críticas e biográficas de sua autoria.

Em relação à Itália, logo após a morte de Simondon, Paolo Virno tinha levado a cabo a tradução de

- 1 Gilbert Simondon: por uma axiomática dos saberes. Da “ontologia do indivíduo” à filosofia da tecnologia.
- 2 Gilbert Simondon. Filósofo da mentalidade técnica.
- 3 A individuação à luz das noções de forma e informação.

*L'individuation psychique et collective*⁴, que é, paradoxalmente, a obra menos considerada pelo próprio autor. Sabe-se bem que, graças a Virno e a amigos do autonomismo italiano (Toni Negri, Maurizio Lazzarato, Christian Marazzi, Franco Berardi etc.), as reflexões de Simondon adquiriram uma dimensão política quase insólita, considerando-se, sobretudo, suas preocupações tecnológicas. É, sem dúvida, a obra de Andrea Bardin – presente neste dossiê da revista *Eco-Pós* com um texto esclarecedor – que recupera as questões políticas possíveis na obra de Simondon com mais detalhe e precisão conceitual. Carrozzini, Bardin e os autonomistas, apesar de suas consideráveis diferenças, contribuíram amplamente para o conhecimento mundial de Simondon.

Pode-se ver Carrozzini em uma longa entrevista a Pascal Chabot no começo de *Simondon du désert*⁵ (2013), filme de François Lagarde (<https://vimeo.com/156520798>). É possível sentir sua paixão por Simondon e pelo pensamento filosófico, assim como seguir com ele os caminhos de uma descoberta, porque é claro que o filósofo francês, morto em 1989, é uma das principais novidades do pensamento contemporâneo.

Revista ECO-Pós – Você poderia nos contar a história da “recuperação” do pensamento simondoniano na Europa? Isto é, como você encontrou Simondon, a relação com Vincent Bontems, a presença da obra de Barthélémy etc.?

Giovanni Carrozzini – Como Vincent Bontems observou recentemente, este processo teve várias etapas. Eu ousaria dizer que sua dinâmica foi “transdutiva”, ou seja, que ele se amplificou de uma maneira descontínua e implicou incontornáveis transformações. Um dia depois de sua morte, é Denise van Caneghem, uma de suas colaboradoras na Sorbonne-Paris V, a primeira que procurou resumir e difundir sua filosofia em um longo artigo publicado no *Bulletin de Psychologie*, a revista que nos anos 1960 tinha publicado os fascículos de seus cursos de psicologia geral, pelo menos até 1967. Depois, houve as publicações e os congressos dedicados ao seu pensamento, notadamente o de 1992, em que havia, entre outros, René Thom, e o de 2001, em Saint-Etienne, cidade natal dele. É ainda nestes anos – em 1993, para ser preciso – que o filósofo belga Gilbert Hottois publica uma monografia histórica sobre

4 A individuação psíquica e coletiva.

5 Simondon do deserto.

*Simondon et la philosophie de la "culture technique"*⁶. Na Itália, Simondon chegou com a tradução da segunda parte de *L'individuation à la lumière des notions de forme et d'information* por Paolo Virno (2001), ou seja, *L'individuation psychique et collective*, publicada na França quase uma semana após a morte do autor, em 7 de fevereiro de 1989. Quanto a mim, eu conheci a filosofia de Simondon na época da minha "dissertação de mestrado", isto é, em 2004. Eu procurava um pensador que tivesse tratado as técnicas de uma maneira mais analítica em relação à escola heideggeriana, e meu professor de filosofia teórica (Fabio Minazzi) me deu um artigo para ler de Jean Petitot sobre Simondon, traduzido em italiano. Depois desta leitura entusiasmante, eu me apaixonei pelos temas e pelo estilo simondoniano. Eu coletei quase todos os seus escritos – a maior parte encontrada em revistas nas principais bibliotecas parisienses – e foi também em Paris, na sala do Professor Charles Alunni, que eu conheci Bontems, que na época preparava sua tese de doutorado sobre o conceito de analogia. Uma vez em Lecce, minha cidade natal, Bontems me recontactou e me deu o endereço eletrônico de Barthélémy (que tinha me convidado, nesta época, para falar de Simondon, na França, por ocasião de um seminário que ele dirigia na *Maison des sciences de l'homme*), também o do filho mais jovem de Simondon, Michel, morto em julho de 2005, e o contato da senhora Michelle Berger, esposa de Simondon. Todos os quatro me ajudaram muito a redescobrir o pensamento de Gilbert Simondon, e os dois últimos, em particular, permitiram-me publicar os inéditos deste pensador em uma revista de filosofia italiana dirigida pelo professor Minazzi, *Il Protagora*. Em outubro de 2008, durante a minha estadia em Paris para conduzir as pesquisas para a minha tese de doutorado, sempre dedicada a Simondon, Bontems teve a ideia de criar um *Atelier Simondon*, cujos primeiros encontros nós organizamos juntos – até janeiro de 2009 –, graças ao apoio do CAPHES⁷, na ENS⁸ de Paris. A ideia e os esforços conjuntos de Barthélémy deram à redescoberta de Simondon um verdadeiro impulso "mundial", coroada pela "simondialisation" à qual assistimos em Cerisy, em agosto de 2013, por ocasião do colóquio *Simondon ou l'invention du futur*⁹. Mas um verdadeiro processo transdutivo – tal como a redescoberta de Simondon – não para nunca, e, de fato, ele está ainda em vias de se propagar "passo a passo".

6 Simondon e a filosofia da "cultura técnica".

7 Centre d'Archives de Philosophie, d'Histoire et d'Édition des Sciences.

8 L'École normale supérieure.

9 Simondon ou a invenção do futuro.

Revista ECO-Pós – Quais são as razões pelas quais Simondon foi “recuperado”? Dito de outro modo, por que ler Simondon hoje?

Giovanni Carrozzini – Há, de fato, várias razões para fazê-lo. Contudo, ao menos na minha opinião, uma das mais importantes é a sua contribuição à reflexão sobre as técnicas particulares e sobre a técnica em geral. Sua maneira de tratar este tema é bastante diferente da maior parte dos filósofos contemporâneos, tais como – por exemplo – Heidegger, Marcuse, Anders etc. O problema dele [Simondon] não é somente tratar as implicações psicossociológicas da técnica sobre a sociedade, mas, antes de tudo, analisar a técnica como “modo de ser e de pensar o mundo”, ou seja, isto que ele nomeia como tecnicidade e da qual faz uma análise genética notadamente na terceira parte de *Du mode d’existence des objets techniques*¹⁰. Esta maneira de analisar este tema visa a reintegrar a tecnicidade, seus modos de pensar e suas objetivações, no sistema mais amplo polifásico da cultura, e reencontrar a significação cultural do esforço técnico humano. O objeto técnico, em Simondon, não é mais pensado como uma ferramenta escrava das necessidades de adaptação do ser vivo humano ao ambiente exterior. O homem de Simondon não é o bípede emplumado da tradição: embora necessite, como todos os outros seres vivos, encontrar sua maneira de se proteger contra os perigos naturais, sua maneira de *ser no mundo* é aquela de *fazer mundo*, e isso encontra uma expressão manifesta na sua atividade inventiva. No processo de constituição do objeto técnico, a invenção é de fato a “parte humana” que lhe pertence, uma vez que seu devir ainda se mantém ligado a ela na medida em que se desenvolve de maneira autônoma em relação a seu inventor. Isto não é, naturalmente, sem implicações éticas e políticas, mas isto seria uma outra resposta possível.

Revista ECO-Pós – É, então, como filósofo da técnica que Simondon torna-se importante hoje. Ao mesmo tempo, ele foi reconhecido assim na sua época, mas não enquanto filósofo em geral. Podemos dizer então que Simondon não falava ao seu tempo e que ele fala ao nosso? Qual é a época de Simondon?

Giovanni Carrozzini – Nossa época foi muitas vezes definida como a “era da técnica”, ou da tecnologia. No entanto, é verdade que eu não estou totalmente de acordo com esta definição, porque cada época

10 Do modo de existência dos objetos técnicos.

teve sua técnica (e então foi uma “era da técnica” à sua maneira) e suas revoluções neste domínio: seria suficiente, talvez, pensar na revolução técnica da passagem da oralidade à escritura ou à introdução da imprensa. Sobre isso, talvez fosse interessante reler o que nos disse Lewis Mumford sobre este tema. Mas é verdade, não obstante, que as transformações técnicas e tecnológicas às quais assistimos hoje têm uma “visibilidade” incontornável e os reflexos fundamentais, sobretudo quanto à nossa maneira de pensar o mundo. A revolução do digital não modificou a maneira de pensar, ou seja, o funcionamento lógico, as novas gerações, os assim ditos “nativos digitais”? Agora, o que um pensador morto em 1989 pode nos dizer sobre isso? A questão poderia ser tratada como uma interrogação trivial: a filosofia não expira nunca; se continuamos a pensar a ética com Aristóteles, morto em 322 a.C., então é bem possível pensar a técnica com um pensador que nos resta contemporâneo. Mas é verdade que há, nesse caso específico, alguma coisa a mais. Simondon tinha se colocado um problema fundamental do ponto de vista ético e político em relação a um período no qual as técnicas se tornavam cada vez mais presentes na vida cotidiana. Seu problema não era somente o de reconhecer nos objetos técnicos o estatuto de cristalizações de gesto e pensamento humanos altamente culturais. Ele se perguntava também qual seria a melhor maneira de constituir uma sociedade em que as máquinas pudessem não ser pensadas como “escravas” do homem, ou seja, alienadas e portanto privadas de sua verdadeira identidade de produtos culturais da criatividade humana, mas como verdadeiros *socius*, ou seja, aliadas no processo de melhora moral, civil e política da sociedade. Esta questão nos levaria a reconsiderar os processos de concepção de uma máquina qualquer (até os *softwares*, os *apps* etc.) nos termos de um processo ético e político ao mesmo tempo: não existe nenhuma tecnologia que não tenha influência sobre nossa maneira de ser no mundo e de fazer política, ou seja, de organizar nossas condutas privadas e públicas. Mesmo a conceptualização de uma interface técnica ou tecnológica é um ato político: é por meio de uma interface que se estabelece uma comunicação e então um terreno comum entre os interlocutores (humanos ou técnicos ou humanos e técnicos). Por que, então, ele não fala à sua época? Seu período estava dominado por exigências políticas bastante diferentes em relação ao nosso: a França, em particular, era, com os Estados Unidos, o berço da revolução dos anos 1960, uma revolução dos costumes que colocava no centro a *liberação dos corpos*, a sexualidade, as relações entre o homem e a mulher, os direitos das crianças e das mulheres, a liberação do trabalho dos operários. Era a época do marxismo, do existencialismo, de um certo pensamento cristão combatente, e Simondon não tinha nenhum interesse filosófico por essas correntes, que ele não julgava como filosofias autênticas (salvo,

talvez, o “existencialismo humanista” de Sartre), mas como “utilizações de costumes de pensamentos adquiridos [...] em benefício de uma causa”, como disse na *Note sur l’attitude réflexive, autour de 1955*¹¹.

Revista ECO-Pós – Com respeito a esta “revolução do digital”, sabemos bem que Simondon fez uma crítica filosófica da informação há meio século. Em que medida esta crítica ilumina os desafios de nossa época, ligada a uma expansão sem limites das tecnologias da informação?

Giovanni Carrozzini – A teoria da informação serve a Simondon para articular uma crítica rigorosa dos limites da “primeira cibernética”, que tinha sido, ao menos no começo de sua pesquisa, um dos principais paradigmas de sua reflexão filosófica. Mas, se você me pergunta se Simondon pode nos ajudar a detectar as armadilhas de nossa sociedade da informação atual, então eu respondo que não é a Simondon que é preciso endereçar-se, a menos que não se queira reinterpretá-lo – o que é inteiramente legítimo –, mas a Bernard Stiegler. Eu, de minha parte, proporia que se enderece também a um outro pensador de sua época, que tinha sido seu colega de escola em Saint-Etienne, seu colega em Poitiers, seu amigo e o autor de sua necrologia: é de Maurice Mouillaud que falo, um autor que talvez a América Latina já conheça. Mouillaud não teorizou de maneira explícita as armadilhas da sociedade da informação, mas ele nos deu, mesmo assim, duas noções-conceito muito potentes para detectar suas armadilhas, aquelas de “discurso indizível” e de “duplo”. O duplo é, para dizê-lo de uma maneira que nos lembre o “alagmático” simondoniano, uma “estrutura escondida” por trás de toda identidade oficial e que opera (aqui está a conversão de uma estrutura em operação cara a Simondon!) produzindo um discurso indizível, também ele escondido por trás do discurso manifesto, público, mais uma vez oficial. Você compreende bem que esse sistema trabalha como o *double bind* teorizado por Gregory Bateson e pela Escola de Palo Alto: ele produz sujeitos esquizofrênicos que não chegam a compreender que sua identidade é seu *avatar* ou qualquer outra coisa.

Revista ECO-Pós – Para tentar fazer o retrato de Simondon como pensador, e não somente como um especialista nos domínios técnicos, eu proponho classificar Simondon na medida do possível. Em que

11 Nota sobre a atitude reflexiva, por volta de 1955.

linha filosófica ele se inscreve? Quais são suas influências mais fortes? Onde podemos encontrar a originalidade de seu percurso em relação a suas fontes?

Giovanni Carrozzini – Eu mesmo me coloquei muitas vezes essa questão, mas não estou verdadeiramente seguro de ter chegado a uma solução definitiva; e isso me alegra, porque demonstra a potência do pensamento simondoniano e sua originalidade. Simondon não é um “filósofo de escola”: não é possível classificá-lo em uma corrente de pensamento; ele o teria recusado. Sua ideia da filosofia é muito clara: a filosofia é um pensamento reflexivo que se exerce sobre uma questão qualquer que se encontra em um estado problemático, buscando uma mediação possível entre este estado problemático da questão – seu estado de riqueza em potenciais – e suas soluções possíveis. A filosofia, em última análise, é, para ele, uma relação constituinte de um novo estado da questão colocada que a leva de uma situação potencial, ainda que real, a uma situação atualizada. Este processo, todavia, não termina, porque sempre restam potenciais a reativar, e o trabalho reflexivo continua quase ao infinito. De uma maneira geral, eu poderia te responder que Simondon poderia ser inserido na linha filosófica que jorra de Bachelard e que atravessa a filosofia de Canguilhem: sua filosofia da técnica, por exemplo, é uma promessa de realizar uma “filosofia biológica da técnica”, ou seja, de reintroduzir o discurso sobre a técnica no quadro da Filosofia da Natureza de uma maneira rigorosa e “científica”. Mas é verdade que há também Merleau-Ponty nele, Dufrenne etc. Suas fontes talvez remontem até a *arché* de Thales.

Revista ECO-Pós – Como dar conta da teoria da individuação de Simondon em relação à sua filosofia da técnica?

Giovanni Carrozzini – Eu creio, de fato, que os dois temas são estritamente ligados um ao outro, para além das aparências e do que ele nos diz sobre isso. Contudo, é verdade que essa ligação não é explícita nele: os únicos testemunhos escritos de que dispomos sobre este tema são a *Nota complementar* à segunda parte de sua tese principal (mas que de fato não figurava na sua tese e que foi publicada pela primeira vez somente em 1989, no fim de *L'individuation psychique et collective*, depois de seu esforço de revisão desta obra conduzida com o suporte ativo de seu filho Michel) e a introdução à

terceira parte de sua tese complementar, *Du mode d'existence des objets techniques*, em que ele cita expressamente sua tese principal no que concerne à noção de gênese. Em 1969, por ocasião de uma entrevista sobre a mecanologia com Jean Le Moynes, seu entrevistador tinha colocado esta questão, mas ele parece não querer dar uma resposta exaustiva, embora nessa ocasião se focalize, mesmo assim, na noção de unidade, que em sua opinião atravessava os dois trabalhos de pesquisa. Contudo, na minha opinião, as ligações entre as duas teses deveriam ser traçadas a partir de seu interesse, comum à questão da individuação e à questão das técnicas, pela comunicação, esta “colocação em continuidade, pelo estabelecimento de um *acoplamento*” que ajuda a individuação, que descreve sua dinâmica interna e que, no fundo, coloca-se também em relação à tecnicidade em geral, sobretudo em relação aos “modos fundamentais de relação do homem ao dado técnico”.

Revista ECO-Pós – Por que esta ligação entre individuação e técnica não é bem desenvolvida em Simondon?

Giovanni Carrozzini – A resposta bem poderia derivar do contexto histórico no qual ele produziu. É verdade que era uma época bastante dura para os estudantes universitários, que na França deveriam produzir, ao fim de seu doutorado, duas grandes teses em estilo acadêmico que lhes deixava muito pouco espaço para improvisação. Com suas duas teses, parece-me que Simondon busca dar uma solução possível aos problemas colocados à sua época por Georges Canguilhem em sua obra, publicada em 1952, *La connaissance de la vie*¹². Canguilhem era bastante próximo a Simondon e se torna seu diretor de tese complementar, mas ele também era um professor bastante rigoroso, que exigia muito da parte de seus estudantes. As duas teses na época não deviam apresentar forçosamente ligações conceituais estritas: eram trabalhos acadêmicos sobre questões abertas, isto é tudo. Mas já buscamos explicar a maneira de reencontrar mesmo assim as relações entre os dois. Além disso, embora ele tenha se pensado e comportado sempre como um filósofo, Simondon estava em vias de desenvolver seu interesse pela psicologia: seu doutorado possui uma “menção de psicologia”. Então aqui, depois de ter sabido, por Paul Fraise, que havia na Sorbonne uma cadeira livre de Psicologia Geral em 1963, ele participa do concurso e obtém seu posto batendo o candidato dos psicólogos clínicos Didier Anzieu, e

12 O conhecimento da vida.

começa a se dedicar à sua atividade de professor de Psicologia Geral em Paris V. Trata-se de um período novo para ele, em que a filosofia da técnica continua sempre bastante viva (ele funda um laboratório de Psicologia Geral e Tecnologia em 1965, na rua Serpente), mas o tema da individuação desaparece, para reaparecer furtivamente em 1970, no começo de seu curso sobre *Formas e níveis da comunicação*. Mas Simondon é agora um professor de psicologia; não um professor como todos os outros, evidentemente.

Revista ECO-Pós – Eu volto à questão sobre a posição de Simondon em relação à filosofia francesa contemporânea. Conhece-se bem a influência, por exemplo, de Simondon sobre Deleuze. Contudo, é impressionante ver conceitos tais como evento, singularidade, diferença, entre outros, funcionarem em um sistema filosófico como o simondoniano, que parece afastar-se dos percursos de Deleuze, Foucault, Lyotard, Derrida etc.

Giovanni Carrozzini – A questão que você me coloca nos levaria a analisar a relação que existe em filosofia entre “palavras” e “conceitos”, embora Simondon teria preferido o termo “noção” para definir esses últimos. Quando construímos um sistema filosófico – e Simondon, na minha opinião, é o “último filósofo sistemático” da contemporaneidade –, empregamos palavras que se tornam neste sistema conceitos (ou noções) precisos. Mas, como palavras, se as empregamos em um outro contexto reflexivo, então aqui assistimos a uma verdadeira transformação conceitual: em outros termos, as palavras continuam as mesmas, mas sua significação teórica muda, muitas vezes de uma maneira radical. Isso talvez fique evidente no caso da noção de singularidade em Simondon em relação àquela de Deleuze, mas é também verdade que Simondon, por sua vez, tinha se beneficiado dessa liberdade de empregar as palavras lhes dando significações diferentes em relação àquelas que elas tinham na hora de sua gênese. É, notadamente, o caso do “transindividual”, empregado pela primeira vez no domínio da psicologia do profundo para definir uma primeira intuição do inconsciente, e depois se tornou em Simondon a definição da terceira fase do ser, aquela que dá à luz uma “individuação coletiva”. Para responder à tua primeira questão, então: os desafios são os mesmos de todas as outras “noções” filosóficas: reinventar ou mesmo amplificar, de uma maneira inventiva, a primeira significação. O pensamento de Simondon é uma fonte de invenção, não uma doutrina a repetir como um *ipse dixit*!

Revista ECO-Pós – Onde podemos encontrar os traços do pensamento simondoniano nos autores e nas teorias atuais?

Giovanni Carrozzini – Não é fácil te responder; isso demandaria um esforço de *mapeamento* conceitual a uma escala quase mundial. As palavras e os conceitos, tais como os objetos técnicos, depois de terem sido inventados ou reinventados, começam sua “aventura livre” em relação a seu inventor. Você sabe bem que hoje nós empregamos ou conhecemos uma quantidade extraordinária de objetos, na maioria dos casos, sem conhecer sua verdadeira gênese, ou seja, sua fonte primeira – nem o nome de seu inventor. E me limitarei a citar os nomes dispersos na constelação da filosofia europeia atual: Etienne Balibar, pela sua maneira de conjugar, entre outros, Spinoza, Althusser e Simondon em torno da noção de transindividual; Bernard Stiegler, pela sua maneira de repensar as técnicas e a noção de individuação depois de Simondon; Toni Negri e Paolo Virno, pelas suas habilidades de fazer comunicar Marx com Simondon em torno da noção de “multidão”; Jean-Hugues Barthélémy, por ter repensado o conhecimento como individuação; Pascal Chabot, por ter articulado sua filosofia do “sutil” com e além de Simondon; Vincent Bontems, por ter reencontrado uma maneira de fazer filosofia das ciências com Bachelard e Simondon; Andrea Bardin, por ter repensado o problema muito atual da *governança* a partir de Simondon; Xavier Guchet, por ter articulado uma nova filosofia da técnica a partir de Simondon, entre outros autores.

Revista ECO-Pós – Para concluir, quais são as possibilidades e os perigos da “descoberta” da filosofia de Simondon?

Giovanni Carrozzini – O perigo maior é, na minha opinião, o de fazer de um pensamento inventivo como o de Simondon uma doutrina não-modificável, de procurar sem cessar reconstituir “o que Simondon disse verdadeiramente”. Simondon, como todos os gênios filosóficos, não precisa de advogados, de “padres” que guardem a pureza de seu verdadeiro pensamento originário e original. Ele sabia defender seu pensamento, argumentá-lo de uma maneira rigorosa, torná-lo – à sua maneira – o mais compreensível possível; em suma, ele não precisa de alegações em seu favor. Como Sócrates, ele

jamais teria aceitado que alguém fizesse apologia a ele. O futuro de Simondon é reinventar Simondon, reencontrar, nos domínios díspares e transdisciplinares, as sugestões que possam vivificar sua filosofia. É o que eu procurei fazer, por exemplo, com minha operação que visava a retrair “Simondon” na história do *design* e no *design* contemporâneo.